



**FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
ONTOPSICOLOGIA
TURMA 2019**

BIBIANA PEREIRA DE FRAGA

A INTUIÇÃO NA PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA

BIBIANA PEREIRA DE FRAGA

A INTUIÇÃO NA PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ontopsicologia do Curso de Especialização em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti – AMF.

Orientador(a): Prof(a). Dra. Claudiane Weber

BIBIANA PEREIRA DE FRAGA

A INTUIÇÃO NA PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ontopsicologia do Curso de Especialização em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti – AMF.

Orientador(a): Prof(a). Dra. Claudiane Weber

Recanto Maestro, 01 de fevereiro de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof(a). Dr.(a) Claudiane Weber
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof(a). Dr.(a) Carmen Spanhol
Membro da Banca Examinadora
Instituição

Prof(a). Dr.(a) Marcelo Girade Correa
Membro da Banca Examinadora
Instituição

A INTUIÇÃO NA PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA

Bibiana Pereira de Fraga¹

Claudiane Weber²

Resumo: A intuição é um termo muito utilizado por várias áreas de conhecimento. Este estudo busca trazer um maior aprofundamento sobre o que é a intuição no método da psicoterapia ontopsiológica, compreendendo como nasce a intuição, quais são as suas passagens e como ela permeia a psicoterapia. Para alcançar o objetivo deste estudo foi realizado uma pesquisa bibliográfica, com a análise do objetivo de modo exploratório, com abordagem qualitativa. A pesquisa realizada aponta que a intuição nasce do Em Si ôntico do próprio indivíduo e que para colher essa informação, o homem precisa ser exato. O psicoterapeuta através do seu Em Si organísmico, por meio da leitura de campo semântico, percebe as informações emitidas pelo cliente, ou seja, o ontopsiólogo intui o Em Si ôntico do cliente e segue esse sinal. Gradativamente o psicoterapeuta informa e reforça o Em Si ôntico do cliente durante a psicoterapia. O processo finaliza quando o cliente autentica a sua consciência e torna-se a si mesmo, podendo escolher com base na sua identidade o que é útil e funcional para a sua individualidade.

Palavras-chave: Intuição. Psicoterapia. Ontopsicologia.

Abstract: Intuition is a term widely used by several areas of knowledge. This study seeks to provide a deeper understanding of what intuition is in the method of ontopsiological psychotherapy, understanding how intuition is born, what its passages are and how it permeates psychotherapy. To achieve the objective of this study, a bibliographic research was carried out, with the analysis of the objective in an exploratory way, with a qualitative approach. The research carried out points out that intuition is born from the *Em Si ontic* self of the individual himself and that in order to collect this information, man needs to be exact. The psychotherapist, through his organismic In Si, through the reading of the semantic field, perceives the information emitted by the client, that is, the ontopsiologist intuits the client's ontic In Si and follows this signal. Gradually, the psychotherapist informs and reinforces the client's ontic Self during psychotherapy. The process ends when the client authenticates his conscience and becomes himself, being able to choose based on his identity what is useful and functional for his individuality.

Keywords: Intuition. Psychotherapy. Ontopsychology.

Resumen: La intuición es un término ampliamente utilizado por varias áreas del conocimiento. Este estudio busca profundizar lo que es la intuición en el método de la psicoterapia ontopsiológica, comprendiendo cómo nace la intuición, cuáles son sus pasajes y cómo permea la psicoterapia. Para lograr el objetivo de este estudio, se realizó una investigación bibliográfica, con el análisis del objetivo de manera exploratoria, con un enfoque cualitativo. La investigación realizada apunta que la intuición nace del Yo óntico del propio individuo y que para recoger esta información, el hombre necesita ser exacto. El psicoterapeuta, a través de su In Si organísmico, a través de la lectura del campo semántico, percibe la información emitida por el cliente, o sea, el ontopsiólogo intuye el In Si óntico del cliente y sigue esta señal. Gradualmente, el psicoterapeuta informa y refuerza el Self óntico del cliente durante la psicoterapia. El proceso finaliza cuando el cliente autentica su conciencia y se vuelve él mismo, pudiendo elegir en base a su identidad lo que le es útil y funcional a su individualidad.

Palabras-clave: Intuición. Psicoterapia. Ontopsicología.

¹ Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Especialista em Infância e Família pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Especialista em Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa pela Faculdade Unyleya. E-mail: bibiana.fraga@hotmail.com

² Dra. Claudiane Weber. Especialista em Ontopsicologia (AMF), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia. Doutora em Ciências da Informação pela Universidade de São Paulo (USP).

1 Introdução

A intuição é um termo usado em várias áreas de conhecimento, como medicina, enfermagem, administração, psicologia, filosofia e ontopsicologia, entretanto, a definição do termo parece ter um significado diferente para cada uma das áreas mencionadas. A necessidade do estudo da intuição na vida cotidiana das pessoas tem crescido dia a dia e é determinada pelo aumento do papel da intuição na vida do homem e nas diversas áreas da atividade da sociedade moderna (MENEGETTI *et al.* 2013).

No que afirma a autora Grishina (2013) o fenômeno da intuição é objeto de estudo e interesse de muitos estudiosos como, por exemplo, a filosofia e, em especial, a corrente chamada intuitivismo, porém a psicologia científica ainda não tomou a intuição como seu principal objeto de estudo. De acordo com Pombo Filho (2016) a psicologia usa esse termo em diferentes abordagens teóricas e poucas trazem um conceito que defina o que é intuição.

Este estudo nasceu a partir da leitura de um artigo “*O que é ser um bom psicoterapeuta?*” de autoria de Souza e Teixeira (2004). Os autores abordam sobre o tema da formação e desenvolvimento do psicoterapeuta na psicologia e citam que a capacidade de intuição é um aspecto necessário para o bom desempenho profissional, porém não trazem a definição do conceito de intuição e nem explicam como isso ocorre na prática clínica. Nesse momento nasce a curiosidade sobre o tema e a necessidade de aprofundar o entendimento sobre os aspectos que compreendem a intuição na prática clínica psicoterápica.

Entretanto, a psicologia com os seus diferentes objetos de estudos e, nenhum deles comportam o estudo da intuição, não consegue dar uma resposta e nem explicar o que é a intuição. Este fato foi observado também no estudo realizado por Piccini (1985/2016), um extenso levantamento bibliográfico, onde afirma que existe uma lacuna sobre o conceito de intuição na psicanálise. O mesmo estudo aponta que Freud se referiu ao termo apenas três vezes em toda a sua obra, não apresentou uma definição e não se ateve ao tema. É encontrado frequentemente nos trabalhos psicanalíticos, posteriores a Freud, o uso da palavra intuição ou uma alusão ao termo, mesmo sem uma definição, ou com uma valorização ao termo.

Outro ponto importante, abordado no mesmo estudo, é que os termos e conceitos são usados de forma muito livre na literatura psicanalítica. Uma mesma palavra pode ter sentidos diversos e até mesmo opostos, de acordo com quem escreve ou informa em uma reunião científica. Da mesma forma, a intuição é tratada de maneira vaga, sugerindo um desinteresse dos estudiosos pelo assunto, ou até mesmo um temor pelo perigo de serem acusados de místicos ou não científicos. (PICCINI, 1985/2016).

Contudo, na Ontopsicologia existe um conceito definido de intuição. No método de psicoterapia ontopsicológica, a intuição faz parte da metodologia de trabalho, por isso é importante que o psicoterapeuta possua a capacidade de intuição (MENEGHETTI, 2010).

A partir disso, este estudo tem como objetivo compreender como nasce a intuição, quais são as suas passagens e como ela permeia a psicoterapia ontopsicológica.

2 Método

Quanto a abordagem, se trata de uma pesquisa bibliográfica, com a análise do objetivo de modo exploratório, com abordagem qualitativa.

Sobre a abordagem, “A pesquisa bibliográfica tem sido utilizada com grande frequência em estudos exploratórios ou descritivos, casos em que o objeto de estudo proposto é pouco estudado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (LIMA; MIOTO, 2007, on-line).

Esta pesquisa é um estudo exploratório, que de acordo com Gil (2002) se utiliza esse método quando queremos “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (p. 41). Este tipo de pesquisa tem como objetivo aperfeiçoar ideias ou descoberta de intuições. É um estudo que permite uma flexibilidade no planejamento, a fim de possibilitar a verificação dos vários aspectos relativos ao tema estudado. Apesar de ter um planejamento flexível, na maioria das vezes adquire a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso. Essas pesquisas podem envolver os seguintes aspectos: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’” (SELLTIZ et al., 1967, p. 63 citado por GIL, 2002, p. 41).

Ainda de acordo com as autoras, Lima e Mioto (2007), a coleta de dados é iniciada com a adoção de critérios que delimitam o universo de estudo, orientando a seleção do material, que segue os parâmetros: a) o parâmetro temático; as obras relacionadas ao objeto de estudo, de acordo com os temas que lhe são correlatos; b) o parâmetro linguístico; c) as principais fontes que se pretende consultar; d) o parâmetro cronológico de publicação.

Pelos parâmetros temático e linguístico, foram selecionados apenas materiais da Ciência Ontopsicológica, constituído de artigos, teses, dissertações e livros, de língua portuguesa, sem um parâmetro cronológico.

As buscas foram realizadas nas bases de dados da Scielo (Scientific Electronic Library Online), BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações); e revista Saber

Humano (Revista Científica da Faculdade Antônio Meneghetti); com auxílio do metabuscador Google Acadêmico.

Para selecionar os trabalhos que estariam de acordo com o tema proposto, foram utilizadas nas buscas as palavras-chave: intuição e psicoterapia. Dos trabalhos encontrados foram selecionados aqueles que possuíam a palavra intuição no título, no resumo e no corpo do texto.

3 A Intuição na Ontopsicologia

Na ciência ontopsicológica existe o dicionário de ontopsicologia, que foi proposto por Meneghetti (2012a) por não concordar com alguns significados existentes de alguns termos. Para o autor falta para a psicologia um vocabulário que “configure espiteme de base de sentido” (Meneghetti, 2012a, p.11). Portanto a proposta de Meneghetti foi de recuperar e reorganizar o “quântico de sentido e de ação que se presencia dentro daquilo que contém (palavra, ou gesto, ou sinal do ser vivo operador)” (p.14). O autor realizou esse trabalho por via de dois critérios: “1) O étimo linguístico de uma raiz comum a duas línguas-mãe da língua italiana. [...] 2) A experiência mediânica entre ôntico existencial e consciência verbal” (p.14-15).

No Dicionário de Ontopsicologia, na parte onde encontra-se a palavra intuição, consta a seguinte definição:

Lat. intus actionis = o dentro ou íntimo da ação. Saber o íntimo da ação. Ver o fazer. Conhecer os modos ou estruturas interiores de um projeto de ação ou evento. Colher as coordenadas de uma *gestalt*. Saber antes dos efeitos. Formalizações do Eu a priori³ em relação a. Posição de ótima funcionalidade por parte do Em Si ôntico⁴ em relação a um projeto ou evento (MENEGETTI, 2012a, p. 144).

De acordo com Vidor (2012) a intuição é uma palavra de origem latina, mas também “pode ter a raiz latina *tueri* (ver) + *in* (em), que significa ver dentro e corresponde à ação de ver diretamente” (p.38). Seria correspondente a ação que dá evidência, que capta de modo direto o princípio do conhecimento sem interferência da racionalidade ou qualquer raciocínio.

³ Eu a priori é a forma virtual do Eu antes do acontecimento histórico. É a solução ótima do indivíduo no ambiente, aqui e agora. É a reflexão da ação do Em Si organísmico em situação histórica e define a ética ótima da ação (MENEGETTI, 2010, p.219).

⁴ Em Si ôntico é o projeto-base de natureza que constitui o seu humano. É o núcleo com projeto específico que identifica e distingue o homem como pessoa e como raça, em âmbito biológico, psicológico e intelectual (MENEGETTI, 2012a, p. 84). O Eu a priori e o Em Si ôntico são sempre conexos e se refletem. O Em Si ôntico dá o real, o Eu a priori dá a forma, a virtualidade, ou seja, o “como” o sujeito deve se desenvolver (MENEGETTI, 2010, p.219).

O autor ainda afirma:

Pela intuição sabe-se a identidade e a funcionalidade do projeto antes que se formalize o evento ou fenômeno. A intuição evidencia diretamente o real, ela se antecipa às coisas e às palavras, visto que compreende o princípio que sustenta e dá origem aos fenômenos e às palavras. O termo intelecto se decompõe em *intus+legere+actionis*, isto significa o intelecto lê a ação interior, é a faculdade que reflete diretamente a visão mental na qual se intui a unidade básica. A intuição dá o dentro da ação, e o intelecto lê a ação, lê sua variação. Ela colhe o real anterior ao cognoscível e ao que é designável em palavras. (VIDOR, 2012, p.38)

O princípio que sustenta e origina os fenômenos e às palavras é o Em Si ôntico, “o projeto-base originário da natureza” (MENEHGETTI, 2010, p.159). Dentre as várias fenomenologias expostas do Em Si ôntico, como por exemplo o nosso corpo, há também a intuição. Para compreender melhor os conceitos, “o Em Si deriva daquilo que é espírito total do universo[...]. Alguns, no passado, denominavam “alma” este primeiro núcleo que permanece não experimentável” (MENEHGETTI, 2011, p. 23). O Eu a priori reflete as informações desse núcleo, chamado Em Si ôntico, para o Eu lógico-histórico, nosso Eu consciente, este último, então, poderá decidir atuar os não essas informações recebidas.

De acordo com Accorsi (2019, p. 194) “a intuição é informação do Em Si ôntico sem a interferência das estruturas dos estereótipos culturais e do complexo. É um *flash* de informação que dá a passagem funcional do momento. [...] os sonhos, por exemplo, são modos de informação intuitiva”. Quando o indivíduo não consegue colher a intuição por direta consciência, ela é identificada na gráfica do sonho (MENEHGETTI, A. et. al, 2013; 2010).

Outro aspecto importante é que “considerando-se que a intuição (ação dentro do verdadeiro para mim) evidencia-se na ausência de emoção, de experiência, de racionalidade e de necessidade, a mente essencia-se sem fenômeno, e gera uma forma para a situação” (MENEHGETTI A. et. al, 2013, p.383).

A intuição também é descrita da seguinte forma: “A intuição dá imagens, impressões, concepções, elaborados sistêmicos, experiências, campos semânticos etc.” (MENEHGETTI, 2010, p.338). De acordo com a autora Grishina (2013, p. 266) “a intuição é sempre o nexo entre a situação histórica e a funcionalidade utilitarística da identidade ôntica do sujeito”.

A ontopsicologia possui a técnica de ingresso ao objeto de conhecimento, que é o critério da ciência ontopsicológico, o Em Si ôntico. Este é considerado o ponto nevrálgico de toda a intuição. Retomando o conceito da intuição, de ser o íntimo da ação, compreendemos que “é o íntimo que colhe o outro íntimo e o faz uno à imagem e semelhança do interesse do

operador, do utilitarismo funcional do indivíduo” (MENEGETTI, A. et. al, 2013, p. 53).

A intuição é parte da fenomenologia do Em Si ôntico, por isso ela antecipa os signos, as coisas, as palavras, ou seja, ela fornece a informação do dentro da ação. A partir dela é possível colher a intencionalidade. Como somos seres inteligentes, capazes de evidenciar o íntimo que se é, por meio do intelecto podemos ler essa ação, que após se efetuará através de diversos fenômenos. Por ser uma fenomenologia do Em Si ôntico, ela é sempre conforme ao próprio projeto, sempre dá a identidade utilitarista funcional da ação naquela situação histórica do indivíduo.

Através do processo de psicoterapia conseguimos compreender o que é a leitura correta da intuição, ou seja, colher a informação do nosso próprio Em Sí ôntico. Contudo a intuição também faz parte do método da psicoterapia. É através dela que o psicoterapeuta sabe a situação do cliente.

4 A Psicoterapia e o Ontopsicólogo

A psicoterapia ontopsicológica, de acordo com Meneghetti (2012b) tem como fim primário e único a autenticação do indivíduo, “isto é, a reintegração ou conscientização do original natural em antecipação a todo acultramento sucessivo não congruente” (p.228), ou seja, ser aquilo que se é e não aquilo que o externo nos formatou de forma diversa daquilo que somos. A cura ou o desaparecimento do sintoma, é secundária, visto que é um efeito decorrente da decisão de mudança comportamental ou moral do indivíduo.

A psicoterapia é considerada como “arte clínica” na visão de Meneghetti, é terapia do ser no homem, ou seja, ‘ontoterapia’, porque se refere ao nível do homem como pessoa (MENEGETTI, 2010). Ao longo do desenvolvimento de sua obra, Meneghetti utilizou diferentes termos para explicar esse processo, como: psicoterapia ontopsicológica, psicoterapia de autenticação ou consultoria de autenticação (ACCORSI, 2019).

A psicoterapia no método ontopsicológico é compreendida como análise e reintegração da atividade psíquica⁵, com metodologia racional e intuitiva. A atividade psíquica é o seu objetivo de estudo. O método é realizado por constante indução bilógica, ou seja, utiliza “todos os modelos considerados científicos ou racionais e dos parâmetros não

⁵ A atividade psíquica é o agente de origem dos comportamentos, da ação da vida, dos modelos vigentes da cultura e da ampliação do conhecimento (VIDOR, 2018, p. 81-82). É o primeiro e fundamental mover-se do homem que, depois, efetua-se como pensamento, emoção, temperamento, caráter, memória, vontade, consciência. O princípio age apenas por meio da imagem. Essas imagens são estruturas por meio das quais pode ocorrer qualquer variável energética (MENEGETTI, 2012a, p.27).

garantidos ou previstos pela razão (procedimentos intuitivos ou globais do inconsciente): indutivo-dedutivo e intuitivo” (MENEGHETTI, 2010, p. 287), ou seja, é acrescido ao método psicoterapia ontopsicológica a informação intuitiva, que “é a semântica direta do Em Si ôntico, em antecipação a quaisquer sedimentados culturais não salutares ao sujeito (complexos, estereótipos culturais e logísticos da sociedade etc.) (ACCORSI, 2019, p. 61).

A psicoterapia ontopsicológica especificamente tem como objeto de estudo a atividade psíquica, ou o que se chama de intencionalidade psíquica, sendo ela apresentada de qualquer modo no sujeito, podendo ser regressiva ou evolutiva (MENEGHETTI, 2010). De acordo com o autor: “objeto específico da psicoterapia em sentido ontopsicológico é verificar, identificar e recuperar a intencionalidade de ecceidade do Em Si, porque onde se intenciona o Em Si, lá e assim eu sou, lá e assim eu de venho e sou existência”. (MENEGHETTI, 2015b, p. 140) A intencionalidade psíquica é a primeira fenomenologia do Em Si no interior de si mesmo, ou seja, é o primeiro mover-se, é um impulso com específica referência, é vetorial, intencional (MENEGHETTI, 2015b).

Por intencionalidade, se compreende: “o que faz e pelo que se faz o dentro da ação. Aquele dentro onde o ser age. [...] A direção na qual a ação se homologa e se configura de per si no interior de um contexto.” (MENEGHETTI, 2012a, p. 140) Existem seis diferentes tipos de intencionalidade, a intencionalidade ôntica, a de natureza, a do Eu (Eu lógico-histórico), a do complexo, socioambiental e a personológica (MENEGHETTI, 2012a) A intencionalidade de natureza, tem origem no Em Si ôntico, que é uma das descobertas da ontopsicologia, além do campo semântico. Pode-se compreender como “o momento elementar da psiquicidade, do espírito, do que vulgarmente se chama de ‘alma’ [...]. Daqui nasce a inteligência (do latim: *intus legere actionem* = ler dentro da ação, compreender dentro), ou seja, a capacidade de entrar no interior (*intus*) do real” (MENEGHETTI, A. et. al, 2013, p. 26)

A intencionalidade, colhida por campo semântico, é um endereço, uma direção, que é antes de qualquer cultura, língua ou educação, ou seja, é a composição do fato. Pode-se entender como conhecimento do modo de postura de um indivíduo, acessar o conhecimento da intencionalidade do outro, seja ela consciente ou inconsciente. É possível através da leitura do campo semântico saber o que o outro intenciona, quais são suas coordenadas energéticas do seu modo existencial. (MENEGHETTI, 2015a).

O método ontopsicológico, além de possuir um objeto de estudo também possui um critério, na psicoterapia, para colher e fazer a análise das intencionalidades do cliente. Este critério é o Em Si organísmico do psicoterapeuta, onde através das variações evidenciadas no seu cérebro viscerotônico, “deve ser capaz de colher as específicas variações físicas e

emocionais originadas na interação semântica com o cliente” (ARCCOSI, 2019, p. 60).

É importante ressaltar que existem diferentes tipos de definição de Em Si ôntico, são distinguidos em: Em Si ôntico, Em Si organísmico e Em Si naturístico. O Em Si organísmico é definido como a “configuração também biológica do Em Si; é critério de sanidade e lhe dá a experiência psicoemotiva” (MENEGHETTI, 2012a, p. 86). De acordo com o Professor Antonio Meneghetti:

O conhecimento do Em Si organísmico não é nada mais que a projeção dos efeitos possíveis ou dos efeitos mais reais de causas colocadas como premissa. O Em Si organísmico pode saber todas essas coisas porque tem o conhecimento constante e ativo do campo semântico da natureza e das individualizações (MENEGHETTI, 2012b, p. 92).

No que se refere ao processo realizado pelo ontopsicólogo no atendimento dos clientes, são apontados seis canais para a realização da diagnose, que serve para revelar o ponto onde há a sanidade do indivíduo e as suas alienações, distorções, violações etc. Os canais consistem em: anamnese linguística e biográfica histórica do indivíduo, análise do problema ou sintoma, análise fisiognômico-cinésico-proxêmica, análise onírica, análise semântica e resultados que o indivíduo possui em sua vida (MENEGHETTI, 2010, p. 294).

Enquanto se realiza a anamnese com o cliente, é possível verificar o modo em que o sujeito dá as diversas interpretações de si mesmo e como se posiciona em sua vida. Na biografia histórica se analisa toda a parte histórica particular da vida do sujeito. A análise fisiognômico-cinésico-proxêmica examinamos a linguagem corporal do cliente. Na análise do sintoma ou problema, conseguimos colher a primeira semiótica. Através da análise onírica consegue-se um “inexorável veredicto-radiografia” (p. 295) do indivíduo. Com essa análise pode-se “colher a causa, o processo e o escopo de uma patologia ou de uma situação, ou de uma estratégia familiar, social, econômica, política, científica” (p.297). De acordo com o Professor Antonio Meneghetti (2010), até este último momento, ou seja, com as duas primeiras linguagens, “semiótica médica” e “linguagem onírica”, são suficientes para individuar com exatidão onde o paciente está e como ele agiu até este momento. A penúltima é a análise que se realiza através do campo semântico. Por meio deste consegue-se colher a semântica do Em Si organísmico do cliente, ou seja, intuir o Em Si ôntico do sujeito. O último, a análise do resultado, é possível examinar se o cliente está agindo bem e se está impostando de modo correto a sua vida (MENEGHETTI, 2010).

O ontopsicólogo, através da análise do sonho, consegue saber o quadro exato e completo do cliente (a realidade físico-orgânica e histórica), e ao mesmo tempo, tem a precisão do campo semântico e da anamnese linguística. O sonho é uma informação completa.

Quando o cliente conta um sonho, se tem toda a vida do sujeito, visto que “o sonho é o espelho holístico da atividade orgânico-funcional do nosso existir” (MENEGHETTI, 2012b, p.29).

Exite uma relação entre sonho e intuição e saber o que se sonha é muito importante, pois “o sonho é um aspecto da ação intuitiva que vivemos continuamente. Existe sempre uma coligação entre os sonhos e a intuição. O problema é saber ver a intuição”. (MENEGHETTI, 2012b, p.29). Através do sonho podemos “visualizar o interior de uma ação” (MENEGHETTI, 2012b p.34).

Outro aspecto importante sobre o método é a correta leitura do campo semântico. Para que se consiga fazer a leitura do campo semântico do outro, é necessário que o ontopsicólogo tenha claro e transparente o seu próprio. De acordo com Meneghetti (2015a, p.87) “o homem pode conhecer na medida em que é exato, portanto, total a si mesmo”. Para que se consiga conhecer um outro indivíduo é necessário que o ontopsicólogo obtenha a posse de visão total de si mesmo, ou seja, o ontopsicólogo através do seu próprio Em Si consegue conhecer o Em Si de cada cliente. Se o ontopsicólogo não possuir a si mesmo, não saberá ler as variações do quântico existencial que é, ou seja, na medida em que está em perda do próprio quântico existencial não poderá saber o outro” (MENEGHETTI, 2015a, pg. 160).

A psicoterapia para ser exata é necessária a exatidão de método e do operador. A comprovação está no desaparecimento do sintoma e o crescimento global do cliente consciente (MENEGHETTI, 2019). De acordo com Meneghetti “um ontopsicólogo autêntico não aprende a cura da sua experiência clínica, mas da indicação semântica, formal, do Em Si ôntico do outro” (MENEGHETTI, 2015a, p.103).

Podemos notar que, atualmente, nas pesquisas acadêmicas, os cientistas se preocupam demais com as regras metodológicas preestabelecidas para fundamentar a ciência, contudo ninguém se questiona se há exatidão por parte do cientista para operar as pesquisas (MENEGHETTI, et, al, 2013). Da mesma forma observa-se na psicologia o mesmo fato, muitos estudos preocupados com os métodos e técnicas de intervenção e poucos que abordam a figura do próprio psicoterapeuta. Muitos autores da psicologia, como Souza e Teixeira (2004), abordam sobre a necessidade do estudo contínuo do profissional e sobre a supervisão que deveriam realizar, mas não chegam ao ponto de questionar se este operador da técnica psicológica é exato. O que se pode compreender é que falta para as ciências o critério para verificar a exatidão⁶ do cientista, o que ao contrário, na ciência ontopsicológica se tem o

⁶ Existem cinco critérios externos de exatidão e estes podem ser reduzidos a uma só: a circularidade funcional. Para maior aprofundamento consultar MENEGHETTI, 2015a, p. 94-95.

critério: Em Si ôntico.

Dessa forma a psicoterapia⁷ é fundamental e destinada a quem quer ser científico. Nesse processo o cientista deve afrontar a capacidade de ser exato, ou seja, não é destinada a todas as pessoas. O cientista, antes de fazer ciência, deve realizar o indispensável tirocínio de verificar-se para além dos estereótipos, no nexa ontológico (MENEGHETTI, 2015a).

Meneghetti ainda afirma:

Preliminar a qualquer atividade científica, o exercício crítico de conhecimento é a terapia ontopsicológica, através da qual o Eu do sujeito evade das estereotipias culturais e do monitor de deflexão e se atua refletindo-se no íntimo formal do próprio Em Si real. Uma vez íntimo ao real, pode-se proceder com ele (MENEGHETTI, 2015a, p.63).

Para que o ontopsicólogo tenha exatidão é imprescindível a psicoterapia como metanoia⁸, pois é preciso que o sujeito mude a sua mente para que consiga refazer uma unidade de conhecimento (MENEGHETTI, 2015a). Essa mudança de mente significa mudar o processo reflexivo em coincidência com a elementaridade dos acontecimentos orgânicos. Sendo assim, é necessário restituir o nosso primeiro cérebro natural que se fenomeniza através do viscerotônico (MENEGHETTI, 2015a). De acordo com Meneghetti, “metanoia significa alcançar uma situação de consciência que reflete a realidade orgânica, biológica, física, psíquica do sujeito” (MENEGHETTI, 2012a, p.56), ou seja, é necessário tolher os complexos e estereótipos, pois estes não são conforme o projeto de natureza do homem (Em Si ôntico), não espelham reversibilidade. Por tanto, o ontopsicólogo precisa ajustar a razão, refinar a percepção para recuperar a evidência das linguagens do seu organismo, isto quer dizer “converter a forma de pensar para adequá-la à forma do próprio ser” (MENEGHETTI, et, al, 2013, p. 397). Para se alcançar isso é necessário o training ontopsicológico (MENEGHETTI, 2015a).

O conhecimento orgânico significa poder conhecer o outro através de mim. O ontoterapeuta possui a capacidade de conhecer os outros indivíduos não somente pelo olhar, pelos aspectos externos ou através de análises mentais, ele também deve instrumentalizar o próprio corpo para colher a entidade de emoção corpórea do paciente. O homem é dotado do conhecimento corpóreo, porém é necessário conscientizá-lo e reportá-lo à superfície do Eu (MENEGHETTI, 2015a).

Importante diferenciar “orgânico” de “orgânico”. O orgânico compreende o corpo

⁷ A psicoterapia significa autocorreção de tudo aquilo que é impróprio à unidade de ação, eliminar todos aqueles condensados que tornam o homem incapaz daquela exatidão científica que lhe consente ver todos os dados que lhe dizem respeito (MENEGHETTI 2015a, p. 93).

⁸ O significado de metanoia é mudança de mente, mentalidade, mudança do Eu, ou ainda pode ser compreendida como mudança de técnica, medida ou controle. (MENEGHETTI, 2015a; 2019)

no aspecto fisiológico-médico e o organísmico é a unidade orgânica com presença simultânea de consciência. Esta última pode ser compreendida como: *“É uma unitária tomada de consciência em ato orgânico” e “não se constata de fora, mas que se colhe dentro com percepção autovisiva da própria consciência em ato, sem usar os sentidos”* ou ainda *“é a ação de co-intuir o mover-se do corpo segundo correspondência da intencionalidade psíquica”*. (MENEGETTI, 2005, p.95)

Para que se efetue o método ontopsicológico com exatidão, é de extrema importância que o psicoterapeuta faça a sua formação pessoal contínua e a supervisão, essa é a única forma de garantir e verificar a exatidão do conhecimento do campo semântico. Pode se dizer que o psicoterapeuta é tal se consegue compreender consigo mesmo o campo semântico. Para isso se fazem necessários um organismo e uma vida exatos, seguindo a moral do seu próprio Em Si ôntico. (MENEGETTI, 2013).

6 Campo Semântico e Percepção

Dentro do universo de comunicação⁹ do homem existem as comunicações: cinésica, proxêmica, linguagem e, para a ciência ontopsicológica, existe ainda uma outra comunicação, que não foi verbalizada e tornada lógica, denominada campo semântico.

O campo semântico pode ser compreendido como “o conjunto das condutas viárias no interior do agente universal, é o fenômeno do movimento intrínseco e é também via de interação, de informação ou constituição entre uma individuação e a outra” (MENEGETTI, 2015a, p.151). Outro ponto importante é que o “campo semântico é uma variável da atividade psíquica, é o projeto momentâneo da semovência psíquica” (MENEGETTI, 2010).

O campo semântico¹⁰ tem como conceito:

A comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações. [...] É a informação-base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes de toda consciência, em antecipação a qualquer símbolo. [...] Por campo semântico entende-se todo o operativo que está sob as zonas de linguagem e sentido da esfera linguística (língua, palavras, gramática, sintaxe, cultura, moral, estereótipos etc.), da esfera cinésica (o mover-se espontâneo e não espontâneo no somatopsíquico) e da proxêmica (o modo das duas significâncias, linguística e cinésica, a quem intenciona e específica). Este operativo subjacente ao cinésico, proxêmico e linguístico, é

⁹ Para maior aprofundamento consultar a obra: MENEGETTI, A. O Campo Semântico. 4ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

¹⁰ No que se refere ao termo semântico: “o que é forte é a partícula [án]: o outro se faz dentro de mim antes que eu colha dele o signo, isto é, antes que eu veja que tem duas mãos, um relógio etc.” (MENEGETTI, 2015a, p. 160).

o húmus radical – ou universo-base – dos reais formais que indicam e especificam posi o e a o da individualiza o humana (MENEGETTI, 2012a, p.38).

Existem três modos para se compreender o campo semântico: *a) biológico*, *b) psíquico* e *c) num nico*. O *a) biológico* se refere ao nosso corpo como um potente radar (somos providos de receptores-sensores distribuídos em toda nossa superfície corpórea), que normalmente recebe, quando entrar em contato, as informa es emanadas de outras realidades biológicas. No campo semântico *b) psíquico*, através da percep o organísmica, se ausculta aquilo que o indivíduo emana. Este nos possibilita colher a situa o do Eu do cliente. O Em Si do próprio psicoterapeuta autocentra o Em Si do cliente. Neste campo semântico ainda estamos no aspecto mais fenom nico e psicológico que nos possibilita verificar, com base nos comportamentos, os estereótipos que d o a tipologia caracterial do sujeito. No *c) num nico*, colhe-se a presença do Em Si  ntico do cliente, dimensão ôntica como poder causal de a o e vitalidade, a entidade espiritual em a o. (MENEGETTI, 2015a)

Para que tenhamos uma exata percep o para colher o campo semântico   necessário apoiar-se ao segundo cérebro do organismo ou cérebro viscerotônico, que envolve o primeiro raio de a o psicoemotiva das zonas exteroceptivas e propioceptivas¹¹. Daqui decorre a percep o exata de qualquer campo semântico (MENEGETTI, 2005). Todas as nossas percep es iniciam na zona visceral e de acordo com Meneghetti, “o viscerot nico¹²   a primeira forma fenomênica do intelecto no sentido” (MENEGETTI, 2005, p.101). O cérebro viscerotônico sempre resultou exato de acordo com as experiências clínicas do Professor Antonio Meneghetti. O nosso cérebro central também seria exato se não sofresse toda a manipula o cultural organizadas pelo monitor de deflex o¹³, visto que “ambos os cérebros são fenomenologia do iso¹⁴: o visceral   a o reflexol gica; o central   discernimento racional” (MENEGETTI, 2005, p. 104).

Através do campo semântico   possível colher duas informa es, ou seja, pode-se captar dois tipos de ondas distintas, a primeira informa aquilo que   sadio e, a segunda aquilo

¹¹ A percep o, no processo c gnito-perceptivo, possui três níveis, são eles: a percep o exteroceptiva, a propioceptiva e o conhecimento egoceptivo. Para maior aprofundamento consultar a obra: MENEGETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4  Edi o. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.

¹²   exatamente um tambor que está entre o esterno e o púbis, uma caixa de ressonância dinâmica que não se circunscreve em um órgão;   um espaço de percep o (MENEGETTI, 2005, p.101).

¹³ De acordo com a Escola Ontopsicológica, evidenciou-se “um estabilizador obsessivo que determina o universal da patologia no interior e no exterior do sujeito: o monitor de deflexão [...]   um dispositivo psicod lico que deforma as proje es do real   imagem (MENEGETTI, 2010, p. 172). A máquina se insere entre a propioceptividade (Em Si Organísmico) e a egoceptividade (Eu lógico-histórico) (MENEGETTI, 2015a, p.162).

¹⁴ Do grego “igual”. Critério elementar da vida: o que   igual esse critério   sadio, o que   diferente   erro, regressão, doença (MENEGETTI, 2012a, p. 146).

que está doente, que é diferente e desviante da informação sadia da pessoa (MENEGETTI, 2015a). É possível saber o quanto ocorre nos órgãos, no corpo e na pessoa como um todo. De acordo com Meneghetti, “quando o campo semântico ‘*flasha*’, o faz com exatidão, sem erros ou dispersões de significado, porque especulariza do composto real” (MENEGETTI, 2015a, p.119). Além disso o psicoterapeuta, por meio do método ontopsicológico, deve intuir duas coordenadas: o Em Si ôntico e o Eu lógico-histórico do cliente, no entanto, este último não é exatamente um campo semântico, mas uma capacidade crítica da qual o cliente tem em sua história. (MENEGETTI, 2015a)

Durante o atendimento ontopsicológico, a situação é colhida por campo semântico enquanto o cliente fala. O psicoterapeuta “torna receptivo o próprio inconsciente à ausculta das percepções do campo semântico emanado pelo organísmico inconsciente do cliente” (p74). Após o psicoterapeuta, com o conhecimento das duas informações é capaz de verbalizar ao cliente a solução.

A percepção de campo semântico pode ser desenvolvida através do training ontopsicológico e com a supervisão, a única dificuldade está em como sentir a si mesmo e ao outro, ou seja, como aprender a utilizar o próprio corpo como técnica de conhecimento. Contudo não há como errar uma vez que se tenha posse do conhecimento organísmico (MENEGETTI, 2015a).

7 A Intuição na Psicoterapia

Compreendendo tudo o que foi exposto até aqui, com o objetivo de se chegar ao entendimento de como ocorre a intuição no método da psicoterapia ontopsicológica, fica claro que antes de tudo é necessário, além do estudo e conhecimento do método ontopsicológico, que o psicoterapeuta passe por sua própria consultoria de autenticação. Na medida em que este faz a metanoia, transcende seus estereótipos, compreende as duas dinâmicas do homem e atua a dinâmica da “saúde para a criatividade”, então se tonar capaz de ter exatidão de conhecimento. Assim se inicia o nexos ontológico.

No que se refere a leitura do campo semântico, foi visto que a dificuldade que se encontra é a de diferenciar aquilo que se percebe de si mesmo e o que se percebe de um outro, conforme Meneghetti (2015c, p. 48) coloca que “a sensação de ser campo de semântica de outros não é facilmente distinguível das próprias sensações organísmica”.

Em minha experiência de psicoterapia de autenticação, como cliente, foi possível começar a enxergar como é a leitura de campo semântico, ou seja, conforme Meneghetti já

havia dito, o campo semântico se aprende através do *training* e sobre a supervisão de outro ontopsicólogo. De fato, as informações emitidas através de campo semântico é algo que ocorre naturalmente, porém se não souber separar o que é meu e o que é a captação feita da realidade de outras pessoas ou ambientes, não é possível formalizar essa racionalidade e compreender o que está acontecendo na realidade. Não compreender o campo semântico é um risco, pois geralmente executamos as informações de outras pessoas sem perceber quando não estamos atentos ou sofrendo os efeitos do monitor de deflexão.

Para exemplificar a leitura de campo semântico, exponho uma vivência, que não ocorreu no âmbito da clínica, mas que serve para compreender como ocorre a leitura. Em uma ocasião, consegui sentir, no meu próprio ouvido, a dor que uma pessoa estava sentindo no seu ouvido, eu estava sentada em frente e bem próximo a esta pessoa. Eu não tinha essa informação de forma verbal, colhi a informação com o meu corpo, percebi através do meu corpo o que estava acontecendo. Depois que eu senti a fisgada no meu ouvido e baixei a cabeça para a lateral pela dor, eu verbalizei o que havia sentido, então a pessoa começou a verbalizar que estava com dor no ouvido e que precisava ir ao médico. Depois que conscientizei que a dor não era minha, pois eu estava me sentindo bem antes de estar na presença dessa pessoa, a dor passou totalmente. Estes fatos corroboram o que foi apontado anteriormente, que “a intuição dá imagens, impressões, concepções, elaborados sistêmicos, experiências, campos semânticos etc.” (MENEGHETTI, 2010, p.338).

No âmbito da clínica psicoterápica é possível saber por campo semântico se o cliente vai ir na consulta ou não vai aparecer, se já está na porta esperando e ainda não tocou a campainha. Também é possível captar imagens antes do cliente chegar para a consulta. Essas imagens me forneceram a situação do problema do cliente. Outra experiência que trago foi quando, depois do cliente ter agendado a consulta, captei em meu pensamento uma imagem de esquizofrenia e suicídio. De fato, após 2 meses de acompanhamento, o cliente começou a externalizar esses sintomas. Com outro cliente eu consegui captar, minutos antes dele começar a falar, que ele passou por sérios problemas com drogas no seu passado, essa captação apareceu em meu pensamento como uma ideia, que “apareceu de repente”. Além disso, percebi no meu próprio corpo as variações orgânicas, senti um aumento da frequência cardíaca e sentimento de ansiedade. Para compreender melhor o que foi exposto, Meneghetti (2015a) traz que o campo semântico “é mensurável e definível no evento programático, mas sempre em antecipação ao seu acontecimento histórico-temporal, o que consente anulá-lo, interceptá-lo, variá-lo” e ainda conclui que em caso de se “visualizar”, “é interceptável como qualquer palavra intencionada no pensamento, mas ainda não precipitada

no evento do falante manifesto” (MENEGETTI, 2015a, p. 57).

Vidor (2014) traz uma passagem que ajuda a compreender essas imagens de *flash* ou “ideia relâmpago” que aparecem na consciência:

Os sinais viscerotônicos e as linguagens orgânicas transcrevem informações que, sendo gradualmente percebidas e decifradas, levam ao acesso de conhecimento como o ser humano é em seu constituinte original. A vida, mediante variações de ondas, estabelece comunicações com outras vidas. [...] Antes de qualquer consciência, os objetos e os seres vivos emanam sinais com base na própria tipologia e vida; através de tais ondas colhem-se as informações. As ondas produzem variação psicoemotiva, formalizando direção e intenção: na percepção do receptor manifesta-se uma imagem fugaz ou uma ideia relâmpago de defina a informação. Através do sinal, o receptor pode colher a informação de modo consciente. A consciência deve abrir-se para traduzir em conceito cognitivo a mensagem. Decifrando a informação dinâmica recebida, têm-se o acesso a causas internas da vida, com evidência (VIDOR, 2014, p.65-66).

O Professor Antonio Meneghetti (2015c) relatou em uma de suas obras o exemplo de um rapaz que iria fazer psicoterapia com ele e levou junto algumas anotações que falavam de seus sonhos. Meneghetti disse ao rapaz que aquele material não servia naquele momento, pois estava fora da realidade em que ele estava vivendo hoje. Ou seja, no contato com o rapaz, Meneghetti colheu a sua dimensão atual, que falava de perspectivas, de prontidão eufórica e que ainda não estava registrada pelos seus traçados e nem pelos sonhos (MENEGETTI, 2015c). Este é um exemplo onde se compreende a intuição na psicoterapia, se colhe o real, o Em Si ôntico do cliente, e o psicoterapeuta se torna palavra do seu Eu a priori.

Outro exemplo é encontrado no artigo de Spanhol (2018), que traz o seu relato de um caso de como colheu as informações de sua cliente. Durante o atendimento essa cliente relatava sobre os seus projetos não realizados, seus insucessos e se lamentava por isso. Enquanto a cliente falava a autora sentiu que uma imagem fez um *flash* em sua mente. A imagem era de uma menina em torno de 4 anos de idade, de cabelos loiros cacheados e vestido rosa, ela olhava para um livro em uma sala que tinha uma estante e um homem ao lado. A partir disso ela foi investigando por meio da indução (método indutivo) e foi realizando algumas perguntas para a cliente. De fato essa imagem era a própria cliente quando criança em um momento importante da sua vida, onde associou a lembrança que tinha do seu pai que lamentava um projeto frustrado de sua vida, pois não pode seguir a carreira de jogador de futebol por ter passado por um acidente. A partir disso, foi possível compreender um ponto importante na vida dessa cliente que se repete através de gerações. Repetimos a história dos nossos antepassados se não tomamos consciência dos fatos, e é através do campo semântico

que é possível acessar essas informações. Tudo isso foi possível compreender pela intuição da psicoterapeuta, que ficou atenta as imagens que passavam em sua mente durante o atendimento. Através da aplicação do método foi possível encontrar o ponto da dinâmica que a cliente precisava para tornar-se consciente.

De acordo com a autora Us (2013), podemos compreender a intuição a partir da própria experiência de intuir, esta seria a única maneira. De acordo ainda com a autora, a única modalidade para intuir é a própria presença, ou seja, presencia-se propriamente. Esta colocação da autora se verifica no que Meneghetti (2015d, p.233) aponta: “Quem tenta encontrar no conhecimento o que viu na intuição mental, se esforça em vão, tal como aquele que se esforça por tocar com as mãos a cor, que é somente visível”.

A autora Us (2013, p.382) aponta que “a intuição é pré e transfenomênica e não se extrai da consciência” visto que em nossa consciência possui diversas imagens que não são conforme ao próprio indivíduo, podendo ser informações da dinâmica de relação: monitor de deflexão, matriz reflexa, complexos, estereótipos, memes e Eu lógico histórico (MENEGETTI A. et. al, 2013). Por isso o ontopsicólogo precisa fazer um profundo autoconhecimento, para que possa conhecer como age o seu inconsciente. Ele precisa saber tudo de si mesmo, transcender a tudo para se tornar transparente, somente assim poderá saber a origem das informações percebidas.

No que diz respeito ao nascimento da intuição, de acordo com Us (2013, p.388) “a intuição nasce da posição do homem no ser [...] É a visão natural espontânea. A intuição não tem nem forma externa, nem imagem interna. Não é um conhecimento porque falta a mediação de signo, é uma pulsão que sabe no agir e do agir”. Dessa forma, pode-se compreender a intuição nasce do próprio Em Si ôntico do indivíduo, que através do Eu a priori informa o Eu lógico-histórico em situação histórica. A intuição é o colher da intencionalidade ôntica que se origina do Em Si ôntico. Essa é a primeira tarefa do homem exato, saber colher as diretivas do seu próprio Em Si organísmico. Após saber a si mesmo, é possível colher e saber as diretivas do Em Si ôntico do cliente através da leitura de campo semântico, análise da imagogia e análise dos sonhos.

No que se refere as passagens da intuição e como ela permeia a psicoterapia, o ontopsicólogo parte da intuição conduzida por meio dos seis canais de diagnose do método ontopsicológico. Na medida em que faz a diagnose e se tem a intuição do cliente, procede um percurso indutivo, fazendo as verificações necessárias para compreender melhor. O terceiro momento do método é o dedutivo, o qual demonstra fenomenicamente ao cliente as causas. O psicoterapeuta através do seu Em Si organísmico colhe a informação do Em Si ôntico do

cliente, está é a informação intuitiva, que é a semântica direta do Em Si ôntico cliente. A partir disso o psicoterapeuta é capaz de diferenciar as informações do Em Si ôntico das demais informações do cliente, ou seja, aquelas não salutares ao indivíduo.

De acordo com Meneghetti (2015d) devemos nos empenhar ao máximo dentro de si mesmos, nesse primeiro encontro com o cliente, para que seja possível sermos a intuição do cliente. Accorsi (2019) aponta que “o ontoterapeuta deve buscar ter uma intuição global do cliente e a sua problemática, para isso primeiras mensagens cinessomáticas e a onda afetiva são de fundamental importância”.

No processo da psicoterapia precisamos estar atentos a todos os sinais, com especial intenção de identificar o Em Si ôntico daquele cliente, pois esse é o critério que o psicoterapeuta usa para indicar ao cliente as diretivas. A psicoterapia ontopsicológica é diretiva, dá orientações, mas estas não são opiniões do psicoterapeuta. O ontopsicólogo jamais fala através de convicções, valores, estereótipos ou opiniões, fala somente através do Em Si ôntico do cliente, este é o critério que utiliza. Meneghetti coloca uma importante passagem:

O ontoterapeuta torna-se palavra do evento apriórico do psíquico. Mesmo quando se interessa por símbolos (sonhos, associações, lapsos, cinésica, complexos, crônica, situações etc.) para dialogar com o paciente, sempre está em expectativa do elemento sobre o qual fazer a coligação do originário” (MENEGHETTI, 2015c, p.184). “O ontoterapeuta deve verbalizar lá onde o contato urge mais intenso: por isso pode-se dizer que o ontoterapeuta ensina o que aprende do paciente”. [...] “Para o ontoterapeuta é experiência ordinária ver ou experimentar-se lá onde a verdade é contato, e depois traduzir através de símbolos, imagens analógicas, protocolos históricos aquele Em Si que está sempre além. Nenhuma palavra pode encarnar o ato do Ser em contato. O além se dá aqui somente quando o indivíduo alcança-se consciência ôntica ou ato auto evidente. Para esse destino o ontoterapeuta, mesmo vendo o interior do santuário, deve parar no portal do templo do próprio paciente, porque o lugar da verdade é conquista solitária (MENEGHETTI, 2015c, p. 46-48).

O psicoterapeuta é um radar, uma espécie de satélite, dessa forma precisa saber anular o próprio eu, pois se está a serviço do Em Si ôntico do cliente. Devemos procurar nosso ponto de neutralidade para colher com ataraxia as informações, ou seja, eu percebo, sinto, mas a informação não me movimenta. As informações devem ser colhidas através do nosso cérebro viscerotônico, pois este “é a primeira fenomenologia mais física e emocional do Em Si ôntico. Ele reage em antecipação ao conhecimento lógico racional” (Accorsi, 2019, p.164). De acordo com Brunhilde Dander (2013, p.121) “o cérebro viscerotônico é o radar de recepção e transmissão do campo semântico”. É por meio de campo semântico que o ontopsicólogo recebe as informações e então através do seu Em Si orgânico colhe e identifica as variadas

informações do cliente.

Antes de entrar em contato com o cliente, é importante que o psicoterapeuta procure seu ponto zero, ou seja, se perceba como está naquele dia, como acordou, como se encontra naquele momento antes do cliente entrar na sala. Após, quando o cliente entrar no setting terapêutico, o ontopsicólogo poderá saber através das variações orgânicas como está aquele cliente. Isso requer um esforço, uma atenção total, um treino e um desenvolvimento contínuo por parte do profissional. Meneghetti (2015c), em sua obra *Ontopsicologia Clínica*, traz uma passagem que descreve esse momento de encontro com o cliente:

De fato, o corpo do observador é feito colônia das emoções intencionais do agente primeiro. Isto é, eu, ontoterapeuta, antes da entrevista, colho-me com passividade tranquila, e a emoção mais vital é a expectativa da minha solidão. Logo que encontro o cliente, registro no meu corpo emoções diversas ou novas: os meus órgãos sofrem excitação, ou sufocamento, ou anestesia, ou repulsão, ou atração. Quando digo órgãos, entendo qualquer parte do meu corpo: cada cliente exercita sobre mim um contato simbiótico ou colonial por seleção temática. Sinto-me emoção ativa, mas me sei colônia. Decifrando as emoções que o meu corpo-radar sofre, reconheço a semântica do outro inconsciente que me contata. Tudo isso ocorre enquanto eu decido o outro como meu sol. Contemporaneamente, a minha atenção absoluta é somente o outro, e nada no mundo conta para mim mais do que ele. Eu o vejo e o amo como ninguém no mundo jamais o amou, olhou e tocou; nesta experiência, começo a falar-lhe com a memória dos seus modelos [...] (MENEGHETTI, 2015c, p.48).

O psicoterapeuta precisa aprender, gradualmente, no seu processo formativo, saber usar o seu critério orgânico. Deve desenvolver uma ausculta à integralidade de suas percepções (Accorsi, 2019). O orgânico é um canal de conhecimento que vai além da via racional. “O critério orgânico é o vetor da emocionalidade com ausência de interferência cerebrais e ideológicas. É a via da intuição.” (p.168) é necessário, anos de estudo, supervisão e aplicação para que se compreenda e seja feita a apreensão deste critério. O ontopsicólogo, ao longo da sua formação, deve desenvolver uma racionalidade que permita compreender as ações e reações de seu próprio corpo, além de ter uma atenção ao mundo das imagens que aparecem na própria mente. Pode ocorrer que, quando se está na presença do cliente, sinta uma pressão na cabeça ou uma excitação sexual. Estas não são informações que ocorrem ao acaso, diante delas o técnico deve ter a máxima atenção. Em especial, quando se está no setting, o corpo recebe e registra todas as informações. Sendo assim, Accorsi (2019, p.168) aponta:

O ontoterapeuta não pode viver o próprio corpo como “coisa” ou objetualidade. Deve estar integrado em si. Isto é ter percepção orgânica:

consciente integração do todo psico-orgânico-funcional, em leitura do aqui e agora. Desenvolver essa capacidade é formação e é paulatina. Cada cliente, cada supervisão é escolha para aprender a afinar a própria percepção.

O campo semântico, é o meio pelo qual, dá a base de informação para perceber que por trás dos fenômenos múltiplos há uma unidade como ponto inicial de qualquer processo evolutivo ou involutivo. É por meio do campo semântico que o psicoterapeuta sabe a situação do cliente. Enquanto o cliente fala a situação começa a se revelar e quando o ontopsicólogo conseguiu colher as duas informações, então pode começar a verbalizar ao sujeito a solução (MENEGHETTI, 2015d).

No contato¹⁵ com o cliente estabelece-se uma relação muito profunda, que vai além da troca verbal ou da comunicação gestual. Quando se decide compreender o cliente, não se escuta apenas no plano racional, mas ausculta-se aquilo que ele emana, dessa forma é possível verificar aquilo que varia na percepção organísmica do psicoterapeuta. Por isso o ontopsicólogo precisa ter a sua percepção organísmica exata (MENEGHETTI, 2015a; 2015d). De acordo com Meneghetti é necessário compreender a profundidade que existe no contato e o que significa entrar em contato com o cliente:

Pode-se fazer psicoterapia objetiva quando psicoterapeuta e paciente podem interagir numa totalidade de contato ôntico existencial: o ser total do paciente é colhido em todas as suas variantes emocionais e psíquicas dentro do limite histórico da entrevista. [...] Não se trata de um contato qualquer, mas uma referência ou comunhão à centralidade organísmica do outro”. [...] “O ontoterapeuta é capaz de seguir a emocionalidade do paciente fazendo-se emocionalidade (= percepção orgânica ou campo da emoção que se principia no paciente) ressoante da pulsão do paciente, mas com consciência distinta”. [...] “O ontoterapeuta, identificando-se na emoção do outro, isto é, na semântica organísmica (= cada organismo é fonte de informação, transmite os próprios inputs) e permanecendo ele mesmo em vibração organísmica, pode colher a cisão entre o organismo e o Eu projetado. O ontoterapeuta sabe como é o paciente, mas não sabe como o paciente se sabe; o ontoterapeuta o aprende pela auto exposição verbal do cliente: o grau de divergência entre o ser e o saber-se dá a medida do estado patológico” (MENEGHETTI, 2015c, p. 43-46).

De fato, o cliente por estar inconsciente de si mesmo, não se sabe. É aqui que entra a arte de atuar na psicoterapia. Não precisamos falar ao paciente tudo o que colhemos dele em uma só vez, esse processo é gradativo, feito com empatia. O cliente precisa saber o ponto que o bloqueia na conexão com o seu próprio Em Si ôntico, precisa compreender a psicodinâmica.

¹⁵ “Por contato entende-se dois extremos, gerador e receptor, em identidade emotiva” (MENEGHETTI, 2015c, p.43). “O termo contato deriva de “*cum tangere*”, isto é, tocar junto, tocar-se, ser tocados ou permeados por uma mesma coisa. (MENEGHETTI, 2015c, p.46)

Certa vez, escutei da minha supervisora que o próprio cliente também informa como devemos verbalizar o problema e a solução, se ele é mais sensível, se temos que, por exemplo, conta uma história de alguém que ilustre o que está ocorrendo com o cliente.

O cliente também precisa estar aberto para o processo psicoterápico, conforme Vidor (2018, p.18) aponta que “o diálogo introspectivo só é possível a indivíduos que aceitem colocar em revisão o próprio Eu consciente para ampliar a própria intuição”. Ou seja, uma premissa à psicoterapia é a permissão e vontade do cliente em se deixar discutir. A psicoterapia entra para autenticar a consciência do cliente e assim há a possibilidade de o próprio cliente intuir o seu Em Si ôntico.

De acordo com Meneghetti (2015d) a consciência pura se alcança através do amadurecimento dos conhecimentos tradicionais e não pelo abandono destes. É pelo amadurecimento que se abre a consciência ôntica. Vidor (2012, p. 43) aponta que “pela intuição a mente colhe a unidade profunda que precede todo o conhecimento científico e lhe dá sustento e fundamento, enquanto no conhecimento racional se formaliza o saber aplicado no tempo e no espaço”. Sendo assim, para conseguir compreender a própria intuição é necessário o training pessoal e a consultoria de autenticação. A intuição, de acordo com Vidor (2012, p.43):

“tem sua base no contato com o originário metafísico do homem. A intuição é sempre um ponto de partida para organizar melhor as decisões, elaborar novos conhecimentos e rever ações para aprimorar o crescimento, o sucesso em administração, em política, em economia, em educação, enfim, em qualquer área de atuação humana”

Trouxemos um excerto da entrevista realizada com um ontopsicólogo, por Accorsi (2019) em sua Tese de Doutorado, onde traz um importante relato sobre o aspecto da formação do ontopsicólogo para exercer a psicoterapia e ser um leitor exato da intuição:

“Existe um longo processo de formação que demora anos e aí é uma decisão contínua de ser psicoterapeuta e nisto o estilo de vida é fundamental. O psicoterapeuta não pode ser como todos...Não são todos que depois de fato escolhem esse estilo de vida que é basicamente saber ser só. Mas não é ermitão. É uma capacidade interna. transcendência solitária ao utilitarismo funcional como sexto ponto lá da Psicologia do Líder. Sem a transcendência solitária ao utilitarismo funcional não existe a capacidade de intuir o Em Si do outro; aonde estão as passagens que depois vão se configurar também nos sonhos, na informação de campo semântico, na linguagem cinésica, proxêmica, etc.” (ACCORSI, 2019, p. 193).

Vidor (2018, p. 73) aponta que: “o ontoterapeuta para exercer esse trabalho, deve ter

passado por um tirocínio de autenticação e revisão contínua. A evolução pessoal leva à intuição, além do estudo contínuo e a metanoia. É através da metanoia que ocorre uma mudança de pensamento e de comportamento, o indivíduo desinveste-se do passado e dos modelos fixos para colocar-se em consonância com a identidade e a funcionalidade da própria vida. Essa mudança é necessária para que a consciência seja capaz de refletir a informação imediata da vida, que posteriormente deve ser atuada a cada momento no contexto histórico.

A partir deste estudo, em síntese conclusiva, pode-se organizar a seguinte lógica para o psicoterapeuta:

- 1) Deve possuir as características necessárias para ser um ontopsicólogo. Assim como o líder, não é qualquer pessoa que possui essas características e capacidades para exercer essa profissão. Essa descoberta deve ser feita através da sua própria consultoria de autenticação. Somente assim é possível saber se este é o design/projeto do seu Em Si ôntico.
- 2) Além do estudo contínuo do método ontopsicológico, realizar a sua própria supervisão e consultoria de autenticação, deve ter um estilo de vida e fazer o seu processo de metanoia, através da consultoria de autenticação. Dessa forma é possível reestabelecer a exatidão de sua consciência e ser um operador exato.
- 3) Deve aprender através do *training* com outro ontopsicólogo como usar o seu cérebro viscerotônico para colher as informações do cliente e separar das suas.
- 4) Deve saber colher as informações com ataraxia, em um estado de imperturbabilidade. Deve saber o seu ponto zero, saber como se está antes do contato com o cliente.
- 5) No contato com o cliente, através do campo semântico, o psicoterapeuta com o seu Em Si organísmico percebe as informações emitidas pelo cliente. Intui o Em Si ôntico do cliente e segue esse sinal. Todos os outros sinais diferentes desse são as informações que desviam a realidade do cliente. O campo semântico é a passagem dessas informações, é o canal dessa comunicação de informações.
- 6) Quando o psicoterapeuta tem as informações que são do Em Si ôntico do cliente e as outras informações (complexos, monitor de deflexão, matriz reflexa, superego, memes etc.), gradativamente informa e reforça o Em Si ôntico do cliente, para que este comece a se reconhecer, voltar a perceber a si mesmo.
- 7) Também conscientizar o cliente das informações de desviam da sua identidade, pois a psicoterapia deve autenticar a consciência do cliente. O processo finaliza

quando o cliente torna-se a si mesmo e escolhe com base na sua identidade, o que é útil e funcional para a sua individualidade histórica.

8 Considerações Finais

Todo o saber, toda a ciência, neste caso em específico a psicoterapia, deve coincidir com o modo de ser do humano com o intuito de não violentar a ordem de natureza desse. A Ontopsicologia é uma ciência que oferece as ferramentas para que o homem consiga acessar a sua própria natureza e assim ser operador exato na história.

A intuição é algo inerente ao método, sem esta não se chega à verdade, não se tem o real. É uma grande responsabilidade, tanto individual como social, ser um psicoterapeuta, pois além de trilhar uma jornada própria de autenticação, constantemente se vigiar para permanecer exato, deve conduzir outras pessoas nesse processo.

Este estudo possibilitou tornar mais claro o método da psicoterapia ontopsicológica e que a intuição sempre nasce do Em Si ôntico. Dessa forma, quando atuamos essa informação sempre colhemos crescimento, pois somos indivíduos que temos essa constante que nos gera evolução contínua. Contudo, fica claro que a intuição na psicoterapia é quando o psicoterapeuta, através do campo semântico e seu Em Si orgânico, ausculta no viscerotônico as variações das informações recebidas do cliente. Essas informações são percebidas pelo psicoterapeuta tanto por imagens que vem a mente, pensamentos ou sensações. Através deste meio identifica aquilo que são informações ônticas e todo o restante que não é conforme a identidade utilitarista funcional do indivíduo, tudo aquilo que não é conforme o indivíduo original e que o desvia de sua identidade.

Ainda que se tenha visto neste estudo o surgimento e as passagens de como a intuição ocorre no método da psicoterapia ontopsicológica, sugere-se novos estudos que possam trazer mais aspectos práticos dos psicoterapeutas que estão em atuação profissional. Os relatos das práticas dos profissionais podem auxiliar os futuros psicoterapeutas em sua atuação profissional a compreenderem melhor como se dá a intuição no método Ontopsicológico.

Referências

ACCORSI, A. **Psicoterapia Ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22495>> Acesso em: 25 fev. 2022

DANDER, Brunhilde. O cérebro viscerotônico e a intuição. In: MENEGHETTI, Antonio *et al.* **Psicologia Empresarial**. São Paulo, SP: FOIL, 2013. p. 119-122.

GRISHINA, Natalia. A intuição como fator elementar do processo cognitivo e decisional. In: MENEGHETTI, Antonio *et al.* **Atos do Congresso Business Intuition**. 2. ed. São Paulo: Ontopsicológica Editora Universitária - FOIL, 2013. p. 264-268.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 37-45, dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>. Acesso em: 19 jan. 2022.

MENEGHETTI, A. **Manual de Melolística**. 2ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2005.

MENEGHETTI, A. **Nova Fronda Virescit**. 1ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2008.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **O Projeto Homem**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2012a.

MENEGHETTI, A. **Imagem e Inconsciente**. 4ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2012b.

MENEGHETTI, A, et, al. **Atos do Congresso Business Intuition**. 2ª Edição. São Paulo, SP: FOIL, 2013.

MENEGHETTI, A. **Genoma Ôntico**. 3ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. **O Campo Semântico**. 4ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, A. **O Em Si do Homem**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia clínica**. 4ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2015c.

MENEGHETTI, A. **Filosofia Ontopsicológica**. 5ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2015d.

MENEGHETTI, A. **O Residence Ontopsicológico**. 4ª Edição. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2016.

MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre...Falando aos Jovens**. Volume I. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2019.

POMBO FILHO, C. R. **A investigação da intuição na psicanálise e seu conceito a partir de textos selecionados de W. R. Bion**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Estadual de Maringá, 2016. Disponível em: <http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2016-1/cleto>. Acesso em: 06 jul. 2021

SAMPIERI, H. R; COLLADO, C. F; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5ª Edição. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOUZA, M. M; TEIXEIRA, R. P. **O que é ser um “bom” psicoterapeuta?** Aletheia, Canoas, n. 20, p. 45-54, dez 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14130394200400020006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SPANHOL, C. I. D. **Da comunicação tele (J.L.Moreno) à informação de campo semântico (A. Meneghetti): diferentes olhares para a mesma informação em consultoria**. Saber Humano, ISSN 2446-6298, V. 8, n. 13, p. 43-64, Jul./Dez. 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/bibia/Downloads/348-1240-1-PB.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2022

US, Elena. Os conceitos da intuição na filosofia e a intuição prática na ontopsicologia. In: MENEGHETTI, Antonio *et al.* **Atos do Congresso Business Intuition**. 2. ed. São Paulo: Ontopsicológica Editora Universitária - FOIL, 2013. p. 384-389.

VIDOR, A. **A intuição como preâmbulo à ciência: um estudo de abordagem filosófica**. Revista Saber Humano, Recanto Maestro, n. 2, p. 37-45, 2012.

VIDOR, A. **Opinião ou Ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, A. **O Fundamento da Ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2018.